

A arte a serviço do patriarcado

Paulo Gaiger

PPGEDU/UFRGS

Palavras-chave: mulheres, arte, patriarcado

Este artigo é um recorte de meu ensaio em processo de escrita no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob supervisão de Analice Pillar Dutra, Phd e professora do PPGEDU/UFRGS. Proponho um início de reflexão sobre contextos em que a arte, em suas diferentes manifestações, se constituiu como ferramenta para legitimar a ascensão e naturalização dos sistemas do patriarcado ou sistemas de dominação, de um mundo sob a ótica e compreensão masculinista.

O tema “mulheres” é gerador de controvérsias que implicam posições religiosas e dogmáticas, heranças culturais, tradições e costumes, visões políticas e morais conservadoras e resistências pétreas de homens em seus status de dominação e compreensão única de mundo. A constituição dos sujeitos, seus modos de subjetivação, suas relações com as pessoas e com o entorno, as normas e condutas são atravessados por uma ampla condição que exclui ou subjuga metade da população do planeta: as mulheres. E vem de séculos.

O fenômeno excludente e depreciativo não acontece por si, a esmo, por um sem querer ou querer do cosmos ou das divindades de plantão. É articulado, alimentado e certificado, dia a dia, por várias esferas da produção humana masculinista da cultura, do conhecimento e da política. As religiões mais disseminadas ao longo de séculos, são responsáveis por sobrepor homens a mulheres, por impedi-las, por apagá-las da história, das artes e, mais, por lhes atribuir todas as mazelas do mundo e as ameaças que venham a comprometer a retidão, a preeminência e a fé dos varões.

Uma humanidade que, em grande parte, tem como emblema maior da razão de sua existência no planeta a imagem de um homem morto e crucificado, não pode ter a vida como valor supremo (houve um período histórico de sociedades de parceria nas quais a vida e as deusas eram cultuadas¹). A população humana formada por mulheres nunca foi ouvida nem considerada como protagonista da história. Foi, sim, constantemente reificada, associada ao mal e como o próprio mal, relegada como “não pessoa”. Antes do advento do cristianismo, mas sobretudo com ele, aquela que engendra, age, reflete, cria, cuida, transgride e alimenta a vida, foi sufocada por aquele que se julga superior e mata: o homem, o deus pai, a espada.

O pai da psicanálise não escapou das leituras redutoras sobre as mulheres. Vivendo em um mundo de valores e escritas masculinistas, Freud entendeu que as mulheres eram incompletas, mutiladas, que o seu sexo tem forma de ausência,

que o clitóris é o pênis atrofiado das mulheres. De algum modo, seguiu a cartilha da compreensão masculinista na qual o entendimento da mulher se dá em comparação à perfeição do homem, seu superior e nenhum pouco frágil.

Eva, a primeira mulher da mitologia das religiões abraâmicas, em hebraico significa “fonte da vida”. Adão, por sua vez, o primeiro homem segundo o mito, feito à imagem do deus criador, significa em hebraico “terra” ou “humanidade”.

O que se passa com o casal que não se conhecia nem como mulher nem como homem, está descrito no Gênesis, livro escrito entre 1.000 a.C e 500 a.C, que incorpora diversas fábulas sumério-babilônicas, egípcias e cananeias ao Antigo Testamento. A mulher, que respira e quer viver, transgride as ordens do deus criador, e colhe a maçã da árvore do conhecimento e a saboreia. Por ser fonte da vida, oferece um pedaço a Adão. Descobrem-se mulher e homem. O deus criador fica absolutamente contrariado com a desobediência e disposto a puni-los vigorosamente. Adão imediatamente, como homem que é, dedura Eva: foi ela, meu senhor. Os castigos atribuídos a Eva são conhecidos. O pior de todos, que perdurará por todos os tempos, no entanto, é: “o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará”. O homem dominará a mulher, desígnio e palavra do deus criador. A desgraça da humanidade, ou de Adão, é Eva, é a mulher.

O adágio perverso será reproduzido e deificado por São Paulo, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Calvino, Balzac, Auguste Comte, entre inúmeros outros, todos herdeiros de Adão, adoradores do deus criador ou da condição da mulher submissa.

O filósofo grego, Aristóteles, declara que a mulher é mulher em virtude de uma deficiência, que deve viver fechada em sua casa e subordinada ao homem. Que “(...) o homem é superior por natureza, e a mulher inferior; e um domina e a outra é dominada; esse princípio necessariamente se estende à toda a humanidade. (...) A coragem do homem se mostra ao comandar, a da mulher, ao obedecer”. Antes dele, Pitágoras diz que “(...) há um princípio bom que criou a ordem, a luz, o homem; e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher”.

Para Aristóteles é consenso a inferioridade das mulheres. Quanto à escravidão, havia dissenso. O filósofo, então, usa o relacionamento marital, no qual homens sufocam mulheres, para justificar o poder do senhor sobre o seu escravo. Deduz-se que a dominação sexual do homem sobre a mulher foi o laboratório para a introdução e aceitação da escravização de pessoas, “(...) de que a dominância sexual é a base da dominância de classe e raça”.

A genealogia de Abraão, onde o judaísmo, o cristianismo e o islamismo têm cravados grande parte de suas raízes fundacionais, é formada por uma sucessão de varões, de Adão, criado por deus, a Abraão, filho de Terá. Se acreditava ou foi introjetado durante a deposição das deusas anteriores ao deus masculino, que somente o homem era responsável pela gravidez das mulheres. De que ele carregava a semente e a mulher era apenas um depósito no qual o rebento, passo a passo, ia se formando.

No Gênesis se pode verificar que o deus judaico-cristão é o único criador do universo e de tudo que está nele. Como está acima de tudo e de todos, ele não tem nenhuma deusa ou mulher ou fonte materna ao seu lado. Muito pelo contrário,

refuta, nega, esculacha, desrespeita. Enfim, não tem ninguém para trocar uma ideia, abraçar, beijar, lhe fazer um cafuné. Um deus só, autoritário, narcisista, psicopata e deserotizado. E que não tem remorso. Zeus, o deus grego do Olímpio, já antecipa o que virá. Embora abuse das mortais, sua filha Atena, é fruto de partenogênese, sai de sua cabeça. A provável mãe de Atena, Metis, Zeus a matou e engoliu, era uma ameaça e já não mais necessária. Na fábula mais conhecida, Eva vem da costela de Adão. Todavia, nem Eva nem Adão tem mãe. No livro do Gênesis, a descendência matrilinear é substituída pela patrilinear. O homem se atribui os papéis de provedor, protetor e da procriação. Claro, e de mandão e autossuficiente. A mulher que obedeça e se cale

De Abraão a Jesus, é uma lista de homens e patriarcas imaginada por Mateus em 1:1-17, no Novo Testamento. Soa comovente que a descendência termine em José, marido de Maria e mãe de Jesus, que, segundo o mito, não era o pai biológico de Jesus.

¹ Livro da geração de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.

² Abraão gerou a Isaque; e Isaque gerou a Jacó; e Jacó gerou a Judá e a seus irmãos;

³ E Judá gerou, de Tamar, a Perez e a Zerá; e Perez gerou a Esrom; e Esrom gerou a Arão;

⁴ E Arão gerou a Aminadabe; e Aminadabe gerou a Naassom; e Naassom gerou a Salmom; E Salmom gerou, de Raabe, a Boaz; e Boaz gerou de Rute a Obede; e Obede gerou a Jessé; E Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi gerou a Salomão da que foi mulher de Urias.

E Salomão gerou a Roboão; e Roboão gerou a Abias; e Abias gerou a Asa;

E Asa gerou a Josafá; e Josafá gerou a Jorão; e Jorão gerou a Uzias;

E Uzias gerou a Jotão; e Jotão gerou a Acaz; e Acaz gerou a Ezequias;

¹⁰ E Ezequias gerou a Manassés; e Manassés gerou a Amom; e Amom gerou a Josias;

¹¹ E Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos na deportação para Babilônia.

¹² E, depois da deportação para a Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel gerou a Zorobabel;

¹³ E Zorobabel gerou a Abiúde; e Abiúde gerou a Eliaquim; e Eliaquim gerou a Azor;

¹⁴ E Azor gerou a Sadoque; e Sadoque gerou a Aquim; e Aquim gerou a Eliúde;

¹ E Eliúde gerou a Eleazar; e Eleazar gerou a Matã; e Matã gerou a Jacó;

¹ E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu JESUS, que se chama o Cristo.

¹ De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze gerações; e desde Davi até a deportação para a Babilônia, catorze gerações; e desde a deportação para a Babilônia até Cristo, catorze gerações.

Descrever e registrar a história humana unicamente como resultado da mão masculina, mão divina e protetora do homem como imagem de um deus todo-poderoso, em listas, homenagens e auto-homenagens, são modos de cristalizar a dominação masculina, que encobre e disfarça a iniquidade, e de conviver com o narcisismo que lhe são pertinentes. Avalanche de testosterona, pênis e testículos por todos os lados.

Nos compêndios, nas enciclopédias, nos registros históricos, no nome de ruas, praças, monumentos, no Google e na Wikipedia, para citar alguns exemplos, um desfile de heróis, filósofos, cientistas, artistas, guerreiros, santos, quase sempre

homens, preenche as páginas físicas e virtuais. O evangelista Mateus ficaria maravilhado. Poucas mulheres, bem poucas, são lembradas. É como se nunca tivessem existido. Nas artes, aconteceu de modo igual. A elas, era impedido o exercício das artes, da literatura, do teatro. Olympe de Gouges, em 1789, dentro da revolução francesa, propõe uma “Declaração dos Direitos da Mulher” na qual pedia que todos os privilégios masculinos fossem abolidos. Morreu no patíbulo. Antes dela, milhares de mulheres foram torturadas e queimadas pelos Estados e pela Igreja.

Embora as interpretações que buscam minimizar o enfoque masculinista e desigual de São Paulo, nas cartas aos Colossenses 3:18, o principal criador do cristianismo escreve: “Esposas, sede submissas aos vossos próprios maridos, como convém no Senhor”. Em Efésios 5: 22-24, ele escreve: “Mulheres, sujeitem-se a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, que é o seu corpo, do qual ele é o Salvador. Assim como a igreja está sujeita a Cristo, também as mulheres estejam em tudo sujeitas a seus maridos”.

A propagação e a afirmação da sociedade de dominação patriarcal, foram acompanhados pela imposição de um deus masculino e único, vigilante e punitivo. As diversas esferas de poder, sempre nas mãos de homens, como representação terrena do poder divino, usaram de todos os estratagemas de coação e convencimento de que mulheres devem obediência, sujeição, confinamento e mudez. De acordo com Uta Ranke-Heinemann, a história do cristianismo é praticamente a história de como as mulheres foram silenciadas e privadas dos seus direitos, seja através dos homens, seja através do divino.

Na mitologia grega, Zeus ordena que Hefesto crie Pandora, da terra e da água. A grande autoridade e mandante do Olimpo deseja vingar-se da humanidade depois que Prometeu entregou a ela o fogo dos deuses, isto é, a sabedoria, o poder de criação e autonomia. Daí a ideia de criar uma mulher já com os estigmas da desarmonia, da maldade, do desastre. Pandora desce para o mundo dos mortais levando consigo um grande jarro fechado e com instruções de não o abrir. Casa com o irmão de Prometeu com quem tem uma filha. Todavia, movida pela curiosidade e esquecida das recomendações, abre o jarro de onde saem todos os males que irão tomar conta do mundo dos mortais: guerras, doenças, vícios e a necessidade extrema de trabalhar para poder sobreviver. Pandora é a culpada e, claro, com ela, todas as mulheres passam a ser responsabilizadas. Os homens que fazem as guerras, oprimem mulheres e outros homens, é claro que não são responsáveis. Enquanto esposa e mãe, quieta no seu canto, Pandora cumpriu o seu papel desenhado pelo deus e aceito pelos homens. Movida pela curiosidade e pela ação, é alcunhada de ingênua e desastrada, portanto, incapaz.

As Eumênides, tragédia de Ésquilo, tem como um dos personagens o deus Apolo. Em diálogo com Orestes, referindo-se às mulheres que dormiam no santuário, ele sentencia: “Adormeceram, estas virgens incômodas, filhas de um antigo passado, das quais não se aproximam nem deus, nem homem, nem fera. Não nasceram senão para o mal, porque residem no próprio mal (...)”. Mais adiante, em debate com o Corifeu, Apolo dá aulas de ignomínia: “Não é a mãe que engendra aquele que se chama seu filho, ela não é mais que nutridora do germe que a faz conceber. O que engendra é o macho; ela, qual uma estrangeira, conserva o jovem rebento, enquanto um deus não a atinge”.

Se em algum momento histórico, antes do triunfo do patriarcado, mulheres foram veneradas e respeitadas em relações de equidade, o patriarcado ou, mais corretamente, as sociedades de dominação, as transformaram em valores de objetos ou animais, tais quais uma terneira, um pé de milho. Elas, como os filhos, passaram a ser propriedade do homem. No Êxodo 20:17, a mulher consta como um bem do homem, ao lado do jumento e do boi, que não deve ser desejado por outro homem. No entanto, o patriarca pode vender a filha como prostituta ou escrava para outro varão. A escravidão de mulheres e de outros homens, igualmente considerados como animais, dão as tintas ao novo mundo que surge.

O Antigo Testamento revela a trajetória da submissão e apagamento público, econômico e religioso das mulheres. A regulamentação e controle de sua sexualidade e do seu papel subalterno nos Estados que estão se formando e se solidificando. Sempre como uma prerrogativa divina, do senhor deus. Portanto, do ponto de vista masculinista, indiscutível.

Gerda Lerner escreve que:

“O fato é que há mais de 2.500 anos o deus dos hebreus é tratado, representado e interpretado como um deus-pai masculino, não importando outros aspectos que possa ter incorporado. Esse foi, do âmbito histórico, o significado dado ao símbolo e, portanto, é ele que carrega autoridade e força. Esse significado passou a ter extrema importância na maneira como homens e mulheres conceituam as mulheres e colocam ambos, homens e mulheres, na ordem divina das coisas e na sociedade humana. (...) Essa nova ordem sob o deus todo-poderoso proclamou a hebreus, e a todos que usavam a bíblia como guia moral e religioso, que as mulheres não podiam falar com deus”.

No 25º Seminário de Arte e Educação, promovido pela FUNDARTE (Montenegro/RS), compartilhei a inquietação:

A discriminação e o preconceito contra a mulher, frequentemente são justificados como parte da natureza humana e dos desígnios de Deus. Culpa-se a natureza pela sina e justificam-se a iniquidade e o tolhimento na palavra de um psicopata fantasmal e divinizado, gravada por perversos reais no torá, na bíblia e no alcorão. As três confissões falocráticas monoteístas são hábeis nas artes do despotismo e do embuste, especialmente quando se trata de justiça e de mulheres.

É provável que a produção humana de teatro, entendida como uma manifestação genuína da humanidade, tenha sido veículo de afirmação do menosprezo e incapacidade das mulheres.

Um dos dramas gregos mais significativos e protagonizado por uma personagem mulher, é Medeia. Eurípides, um dos principais poetas trágicos do século V a.C., busca trazer à cena os conflitos da alma humana e da mulher, subvertendo, de certa forma, uma lógica de abordagens dos mitos. Ainda assim, Medeia é pintada

como feiticeira, ardilosa e cruel para alcançar seus propósitos egoístas, uma vez que se revolta contra as atitudes de Jasão, seu marido de muitos anos.

A Medeia filicida, cruel e obliterada pelo seu desejo de vingança é estigmatizada como mãe e mulher despossuída dos sentimentos e deveres maternos e de aquiescência aos laços e sujeição matrimoniais.

Na Grécia de Eurípedes as mulheres não gozavam de nenhum direito, não tinham qualquer participação nas decisões da pólis e viviam, preferencialmente, confinadas, tratadas de maneira semelhante a escravas e crianças. Para o mundo masculinista grego, digamos assim, as mulheres tinham apenas sabedoria para forjar a maldade, a desobediência, a insubordinação. Por isso, em relação a elas, as regras deviam ser rígidas e se devia temer uma mulher livre, certamente, alguém que traria maus agouros.

Na fábula, Medeia, a astuta, usa da magia para ajudar Jasão a conseguir o Velocino de Ouro, depois que Hera, com a mão de Afrodite, faz Medeia se apaixonar perdidamente por Jasão, o argonauta. A história é conhecida. O casal foge, mata o irmão de Medeia na fuga e se refugia em Corinto. Enquanto a traição de Jasão não acontece e Medeia gera filhos e filhas, ela mesma tem uma vida confinada, de esposa, como todas as mulheres de seu entorno, como para os gregos tinha que ser. Sem feitiçaria, sem insubordinação, sem desejos de ser livre.

Medeia retoma seus poderes mágicos quando descobre a traição de Jasão, e comete assassinatos em série, culminando com o de seus filhos. Ela obedece a um ritual escrito por homens que desejam carimbar as mulheres como necessariamente ruins quando não estão sob o domínio masculino. A versão que criará raízes é essa: a de uma mulher tresloucada e cruel

Christa Wolf publicou o romance *Medeia-Vozes*, inspirado na figura da princesa da Cólquida, no qual Medeia é revelada como vítima de calúnia e difamação. O Grupo Teatral Terreira da Tribo, de Porto Alegre, levou à cena uma excelente adaptação do *Medeia-Vozes*.

Em Agamêmnon, de Ésquilo, o rei de Micenas sacrifica sua filha, Ifigênia, em troca da vitória prometida pelos deuses na guerra de Troia. É preciso dizer que a guerra de dez anos de duração é atribuída a Helena, mulher de muita beleza e “causa de destruição de muitas vidas”, e que fora “roubada” por Páris a Menelau, irmão de Agamêmnon.

Pois Agamêmnon não se atreveria
ao holocausto de Ifigênia, sua filha,
a fim de que pudessem ir as naus
de mar afora resgatar Helena bela?
As súplicas da vítima, seus gritos
pungentes pelo pai, a idade virginal
em nada comoveram os guerreiros
ansiosos por saciar a sede de combates.
Depois da invocação aos deuses todos,
mandou o pai que subjugassem sua filha;

usando as vestes para proteger-se,
tentava a virgem frágil resistir lutando
desesperadamente, mas em vão:
como se fosse um débil cordeiro indefeso,
puseram-na no altar do sacrifício;
brutal mordida comprimia rudemente
seus lindos lábios trêmulos de medo
e sufocava imprecações; quando caíram
por terra as vestes de formosas cores,
a cada um de seus verdugos impassíveis
volveu os eloquentes olhos súplices
— tão expressivos como se pintura fossem —
desesperada por falar mas muda,
ela, que tantas vezes nas festivas salas
do senhoril palácio de Agamêmnon
cantava com a voz doce de donzela tímida
os hinos em louvor ao pai amado!

Clitemnestra, esposa de Agamêmnon, vinga o assassinato da filha matando seu esposo e sua concubina, troféu da guerra. Em nenhum momento a lei de Micenas dirigiu seus olhos ao rei filicida. Quanto a Clitemnestra, sim, foi punida com o exílio e, posteriormente, assassinada por seu filho, Orestes.

Agora me condenam ao amargo exílio, ao ódio da cidade,
à maldição do povo,
mas contra este homem nada foi falado.
No entanto ele, sem escrúpulos, sem dó, indiferentemente,
como se lidasse com algum irracional (e havia numerosos
em seus velosos, cuidadíssimos rebanhos),
sacrificou a sua própria filha — e minha —, a mais
querida que saiu deste meu ventre, apenas para bajular os
ventos trácios!
Não era esse pai cruel quem merecia ter sido desterrado,
expulso deste solo
em retribuição ao crime inominável?

Em Eumênides, ou Erínias ou Fúrias, deusas da mitologia grega que desejam punir Orestes pelo assassinato de sua mãe, Orestes acaba inocentado pelas mãos de Apolo e Atena. O deus grego, lá pelas tantas, diante das súplicas de Orestes e da indignação das Fúrias, diz "(...) fui eu mesmo, e mais ninguém, que te induzi a ferir mortalmente a tua própria mãe". Prender, torturar e matar em nome de um deus ou atribuir o crime à vontade ou ordem de uma entidade divina passou a ser um lugar comum na justificação do injustificável e do desumano. Mulheres do mundo todo sabem disso.

Diante da insistência das Fúrias por julgamento e justiça, Apolo as ameaça:
Vosso lugar é lá onde há sentenças de degolamento
e olhos a ser arrancados, ou então
onde gargantas são abertas, ou ainda
onde, para extinguir toda a virilidade,
meninos são castrados, onde se mutila,
onde seres humanos morrem lapidados,
onde vítimas empaladas, gemebundas,
esvaem-se numa agonia interminável!

Ao final do drama, as Fúrias são amansadas e convencidas por Atena, deusa que não tem mãe, a deixarem de lado suas demandas e a se acomodarem em nome da felicidade e da harmonia. Let it be.

São recompensadas na fala de Atena:

Os olhos da terra de Teseu irão conosco
— cortejo glorioso de matronas,
de virgens e mulheres veneráveis.
Adornai-vos com vestidos de púrpura
e destakai o fogo destas tochas
para que a companhia generosa
das novas cidadãs nos traga sempre
a bênção de excelentes gerações.

A megera domada, de Shakespeare, é um bom exemplo do que se deve fazer com mulheres que não aceitam o papel de subalternas. Catarina é desenhada como uma mulher mal-humorada, bruta, avessa ao casamento. Petruchio, seu antagonista, será o personagem que irá domesticá-la através de chantagens, tortura psicológica e emocional, na destruição da autoestima. Uma comédia que já não cabe entre nós.

De megeras, perturbadas, feiticeiras, cruéis, pecadoras, histéricas, metidas e loucas são denominadas as mulheres quando não seguem a cartilha. Mulheres que não se resignam ao destino social e político já traçado de antemão pelos homens, devem ser domadas, punidas, temidas, confinadas ao espaço doméstico ou queimadas nas fogueiras. Nos dias que correm, os apodos atribuídos às mulheres “desobedientes”, feministas, libertárias, independentes que abrem seu próprio caminho, são de infelizes e “malcomidas” a frígidas e autoritárias. A todas lhes falta um homem que as coloque nos trilhos. De modo sutil a explícito, as cobranças das heranças, tradições, religiões sobrepesam seus corpos.

Em artigo publicado na revista Paralelo 31 do Programa de Pós-graduação em Artes/UFPel, reflito sobre três peças de teatro nas quais as personagens mulheres são protagonistas, embora isso possa não significar muita coisa:

Os dramas A Dama das Camélias, de Alexandre Dumas Filho, A casa de bonecas, de Henrik Ibsen e Senhorita Júlia, de August Strindberg, têm em comum o recorte da vida de três mulheres

encerradas em um universo social, religioso e político hegemonicamente masculino. Margarida é a personagem central de *A Dama das Camélias*, melodrama romântico muito apreciado em suas várias versões. Vivendo no meio de aristocratas, entre nobres e condes, frivolidades, galanteios e assédio constantes, Margarida se vê obrigada a manter um estilo de vida de aparente opulência e caprichos, que a leva à falência e à morte por tuberculose. Armand Duval, apaixonado, tenta de todos os modos saldar as dívidas de Margarida condicionando, como outros, a relação à exclusividade e, ao mesmo tempo, à reclusão. Margarida revela-se perdida em meio ao tumulto da testosterona que a cerca, que a deseja, mas não a respeita. Ao longo do tempo, público e crítica atribuíram a desdita de Margarida ao fato de ela ser prostituta de luxo, como uma punição divina. Nenhuma palavra em relação aos homens que a cortejavam, sujeitavam e a usavam. Em *A Casa de Bonecas*, Nora é tratada infantilmente por Helmer, seu marido, como se ela fosse uma criança, uma inábil, um bibelô. Aquilo que em uma primeira leitura poderia ser entendido como carinho, proteção, respeito e afeto, é expressão de menosprezo, violência dissimulada e cerceamento. São as contradições e a ingratidão de Helmer que fazem despertar em Nora a consciência de seu cárcere. Ela abandona o lar, marido, filhos e os privilégios burgueses que a detém, e rumo para um lugar indefinido. Por ter deixado os filhos, Nora é execrada pelo público e pela crítica. Nada se ouviu em relação ao seu marido. Júlia, insegura e presa aos costumes e à propriedade de seu pai, embora busque subverter sua condição marginal de mulher, ao mesmo tempo aristocrática e submissa, comete suicídio, menos pelas possibilidades esfumaçadas de emancipação, mas, sobretudo, pelo sentimento de culpa vivido após ter tido relações sexuais com um empregado. A personagem é considerada ingênua e perturbada ao deixar-se seduzir por Jean, o empregado, com quem chega a fazer planos mirabolantes de fuga. Quase nada sobre Jean, a não ser o dedo apontado ao fato de ele ser argucioso, empregado e de pertencer a uma classe inferior.

Dois filmes, para apenas citar uns poucos exemplos, se os assistirmos com cuidado e distanciamento, refletem a visão masculinista redentora e, por consequência, a necessária subjugação ou maldição da mulher. *Atração fatal*, 1987, de Adrian Lyne; *Uma linda mulher*, 1990, de Garry Marshall, podem ser considerados dramas românticos com histórias distintas, mas que querem dizer o mesmo: a mulher precisa de um homem e precisa brigar por ele. Em *Atração Fatal*, o personagem de Michael Douglas “traí” sua esposa ao ter um caso de final de semana com a personagem de Glenn Close. O mundo desaba porque a amante de ocasião se revela uma obstinada. É a mulher louca, a bruxa, a endemoniada que interfere na harmonia da família. A esposa, exemplo de mulher que cuida da filha e não trabalha, segura o

tranco até ultrapassar as fronteiras tênues para o horror. Os filmes fizeram história quando as reflexões sobre gênero, feminismo e emancipação ainda se encontravam em estado embrionário ou, para ser mais justo, não eram ouvidas e levadas a sério. Como quase sempre. Dá-se um jeito, nem que seja através do cinema, a sétima arte, de reafirmar os preceitos masculinos e reificar a mulher como uma incapaz, bobinha, que precisa de um varão a seu lado. Caso contrário, desobedecendo o roteiro, ela será diagnosticada como neurótica, mal-amada, sapatona e a lista de alcunhas vai longe.

A iconografia cristã, construída com a ameaça fantasmagórica divina e boa parte da arte do realismo socialista, construída com uma baioneta nas costas: nestes dois casos, quase sempre nos deparamos com mulheres insossas, passivas, contemplativas, acompanhando seu homem ou em trabalhos estigmatizados como sendo próprios da mulher; e, por outra parte, com homens bravos, heróis, protagonistas, pétreos.

A belíssima pintura do italiano Giuseppe Pellizza (1868-1907), *O Quarto Estado*, mostra um grupo de homens decididos, robustos e, à frente, uma mulher levando um bebê nos braços. Eles querem mudança, uma revolução e parecem se locomover para isso. No entanto, suspeito, para a mulher, com ou sem as mudanças e a revolução, a sua condição vai seguir tal qual. Sem transformação alguma. Afinal, a mulher nasceu para ser mãe e acompanhar o marido. Nossa Senhora, mãe de Jesus, frequentemente aparece sustentando o menino ou lamentando a sua morte de quando já adulto e crucificado. A Santa é considerada o modelo a ser seguido pelas mulheres cristãs: calada, obediente, passiva e zelosa.

As bruxas de Pieter Bruegel, o Velho, mestre flamengo do século XVI, revelam o imaginário social e a realidade das mulheres de seu tempo. Centenas de mulheres foram queimadas em Bruges por fugirem do script. Suas descendências foram perseguidas e condenadas à morte ou ao banimento. A mulher desobediente gerou uma nova profissão, um especialista: o demonólogo. Homem boçal que se atribuía a capacidade de identificar o demônio de posse da mulher. Por ser frágil, insaciável e ingênua, era a preferida para ser moradia do diabo. À tortura e à fogueira, sentenciava o boçal. Não raro, mandava queimar todas as mulheres da família e colocavam as crianças para assistirem a mãe queimar e aprenderem. Também iam para a fogueira os gatos da casa, considerados pela igreja animais servos do demônio. Como os procedimentos de tortura e queimação eram espetáculos públicos, as próprias mulheres aterrorizadas com as cenas foram se convencendo de que eram as culpadas e, sem dúvida, inferiores aos seus homens. Ser mulher e solteira era uma temeridade.

As fábulas transformadas em desenho animado pela Disney, como *Branca de Neve*, de modo semelhante, trazem mulheres que precisam de um homem para serem salvas e viverem felizes para sempre.

Se supõe aqui, que o teatro e outras expressões de arte ao longo de um tempo longo, conformaram uma das estratégias de convencimento e naturalização, uma ferramenta poderosa na compleição do decaído platô social, cultural e político feminino.

Nas últimas décadas, os estudos decoloniais vem descortinando o espaço de inúmeras artistas afro-indígenas, por exemplo, que através de sua arte trazem

à superfície a perspectiva de outras verdades. Mas não somente artistas mulheres afro-indígenas. De vários modos, outra história está sendo desvelada e contada, outras leituras das realidades estão sendo investigadas, produzidas e compartilhadas por muitas mulheres.

Aristóteles, Paulo de Tarso, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Calvino, se vivos estivessem, estariam escandalizados, tendo pesadelos ao testemunharem a desconstrução de seus engodos, da altivez viril, da história tão mal escrita, da maldade.

Contudo, não é possível fazer previsões otimistas. Crescem os movimentos que defendem o retorno à submissão feminina, tentando calar quem se recusa a obedecer. Mulheres que falam, que questionam, são rotuladas de vagabundas e acusadas de odiar homens. Essa lógica sustenta tanto discursos do movimento Red Pill, que propaga o controle masculino e a misoginia, quanto das Tradwives que romantizam a figura da esposa dócil, bela, silenciosa e submissa. Aristóteles, Paulo de Tarso, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Calvino, de fato, ainda vivem e dão as regras tendo o falo como lei.

Bibliografia

- ARAUJO, Izabella A. **A figura feminina na tragédia Medeia, de Eurípides, e a realidade social da mulher grega do século V a.c.** Pós-graduação Lato Sensu em Literatura, Memória Cultural e Sociedade RJ. Instituto Federal Fluminense. Campus de Maricá, 2023.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo. Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro, RJ. Nova Fronteira, 1980.
- CHOLLET, Mona. **Bruxas. A força invencível das mulheres.** Tradução: Camila Boldrini. Belo Horizonte. Editora Âyiné, 2024.
- EISLER, Riane. **O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro.** Tradução Tônia Van Acker. São Paulo. Palas Athena, 2007.
- EISLER, Riane. **O poder da parceria.** São Paulo: Palas Athena, 2017
- ÉSQUILO. **Eumênides.** Editora Zahar. Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- EURÍPEDES. **Medeia, Hipólito, As troianas.** Rio de Janeiro. RJ. Zahar, 1991.
- FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2017.
- GRAEBER, David e WENGROW, David. **O despertar de tudo – uma nova história da humanidade.** São Paulo, SP. Cia. Das Letras, 2022.
- HOLLANDA, H.B. (org.). **Pensamento feminista hoje – perspectivas decoloniais.** Rio de Janeiro, RJ. Bazar do tempo, 2024.
- LERNER, Gerda. **A criação de patriarcado. História da opressão das mulheres pelos homens.** São Paulo. SP. Cultrix, 2019.
- RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos pelo reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica.** Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2007.
- SÊNECA. **Medeia.** Lisboa: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2011.
- VRISIMTZIS, N. A. **Amor, Sexo e Casamento na Grécia Antiga.** São Paulo: Odysseus, 2002.

1. In Eisler, Riane. 2020.
2. In: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/eva/; /adão/>. In: O segundo sexo. Fatos e Mitos. Simone de Beauvoir. P. 138. Rio de Janeiro, RJ. Nova Fronteira, 1980.
3. Lerner. G. pág. 205, 2023.
4. Gênesis, Capítulo 3, versículo 16.
5. Beauvoir, pág. 111, 1980.
6. Ibidem, pág. 101, 1980.
7. Ibidem. pág. 256/257. 2023
8. https://www.bibliaon.com/de_adao_a_abraao/
9. Lerner, G. pág. 231. 2023.
10. <https://www.bibliaonline.com.br/acf/mt/1/1,10-17,2-9>
11. Ibidem, pág. 142, 1980.
12. Ranke-Heinemann, U. 1996.
13. Ésquilo, Eumênides. Editora Zahar. Rio de Janeiro, RJ, 2010.
14. In Eisler, Riane. O cálice e a espada: nosso passado, nosso futuro, 2007.
15. Lerner. G. Pág. 213. 2023
16. Ibidem Pag. 223. 2023.
17. <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/360/466>.
18. In Agamêmnon, Ésquilo. Ed. Zahar.
19. Ibidem.
20. Ibidem.
21. In Eumênides. Ésquilo. Zahar.
22. Ibidem.
23. Ibidem.
24. <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/20511>
25. <https://contextoalagoas.com.br/?p=839>
26. PALUDO, Letícia. Red pill: narrativa falaciosa de masculinistas incita violência contra a mulher. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2023/03/red-pill-narrativa>
27. BLUM, Bárbara. Entenda a onda “tradwife” de influenciadoras de direita belas, recatadas e do lar. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2025/03/entenda-a-onda-tradwife-de-influenciadoras-de-direita-belas-recatadas-e-do-lar.shtml>

Paulo Gaiger

Professor doutor do Curso de Teatro do Centro de Artes da UFPel. Pós doutorando no PPGEDU/UFRGS. Cantor, compositor, ator e diretor teatral. Escritor, tem dois livros publicados: Não vá ao supermercado nos domingos (2019 – editora Traços&Capturas); Metáfora das flores (2023 – editora Viseu). Escreve no jornal virtual Esquina Democrática. Tem um CD Armazém, disponível do Spotify.